



MEMÓRIA E HISTÓRIA: ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “QUE BOM TE VER VIVA”

Davi Silva de Carvalho¹

RESUMO:

A ditadura militar estabelecida no Brasil foi marcada por severas rivalidades políticas entre grupos que eram a favor e os que estavam na oposição, causando graves acontecimentos aos opositores do tal governo. Estrutura-se nesse artigo a compreensão entre memória e História, a partir de um viés atrelado nas lembranças das mulheres vítimas de agentes políticos durante o regime civil militar, em si. Consolida-se nesse cenário uma abordagem privilegiando como há ainda um passado fantasmagórico, assombrando as padecentes, em questão.

Palavras-chave: Governo Civil-Militar; Memória; Tortura.

MEMORY AND HISTORY: ANALYSIS OF THE DOCUMENTARY “GOOD TO SEE YOU LIVE”

ABSTRACT:

The military dictatorship established in Brazil was marked by severe political rivalries between groups that were in favor and those in the opposition, causing serious events to the opponents of that government. It is structured in this article the understanding between memory and History, from a bias in the memories of women victims of political agents during the military civilian regime itself. It consolidates in this scenery an approach privileging as there is still a ghostly past, haunting the sufferers, in question.

Keywords: Civil-Military Government; Memory; Torture.

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, e-mail: daviufop96@gmail.com.



A ditadura militar ocorrida entre 1964 e 1985 no Brasil provocou diversas consequências na esfera social, econômica e cultural, bem como muitas pessoas tornaram-se alvo de perseguições durante esse período da História. Diante dessa ótica, houve muitas censuras e repressões, onde a liberdade de expressão estava sendo vigiada a todo o momento. Além disso, muitos estudantes e simpatizantes da esquerda foram perseguidos, torturados e até mesmo mortos durante esse regime autoritário no País.

Foi um momento conturbado de início, pois logo após a instauração da intervenção militar, tem-se a saída da democracia para uma ditadura completamente repressora e violenta principalmente com os que se opunham ao tal governo implementado. Com isso, os instrumentos de tortura e cassação foram intensos, provocando traumas nas pessoas que viveram tal momento, em questão. Assim, infere-se que a memória, silêncio, medo e trauma estão presentes em muitos indivíduos que passarão por tais covardias e maus tratos, por conta das suas divergências políticas, em relação ao atual cenário militar.

Dentro dessa configuração, o objeto de análise e estudo será o documentário: Que Bom Te Ver Viva de Lucia Murat, colaborando para o presente diálogo entre História oral, memória e relações de silêncio. O filme retrata relatos de situações vivenciadas por mulheres que foram perseguidas, torturadas e que tiveram seus direitos cassados e de certa maneira, desencadearam medos e traumas, de acordo com as entrevistadas ao longo do documentário.

A partir desse contexto e dialogando com o raciocínio de Myrian Sepúlveda dos Santos, em seu texto, O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado, tem-se que:

À medida em que tanto o conceito de indivíduo quanto o conceito de tempo passam a ser relativizados de forma mais radical, a tentativa de fazer da memória um objeto de análise seja como experiência individual, seja como tradição cultural é colocada em questão. A memória vai representar não a ida ao passado, mas exclusivamente a presença deste no presente através dilemas éticos e morais. A ênfase em uma consciência histórica, que propunha simultaneamente a explicação universal de eventos e intenções, e a impossibilidade de transcender e objetificar a realidade, alcança um impasse onde quaisquer explicações de eventos e intenções são colocadas em questão. (SANTOS, 2009, p.147).

Nesse ínterim, as ideias de Myrian Santos colaboram para um melhor entendimento, além de uma conexão com o que é retratado no documentário, correlacionando com as questões de memória e silêncio, privilegiando a História oral, de certo modo. A partir das situações que ocorreram, os relatos possibilitam perceber as



Histórias particulares e suas relações com aquele passado que de certa maneira, tornou-se fantasmagórico para elas, na medida em que o uso da tortura foi aplicado em sua maioria.

É patente notar que não só o instrumento da tortura foi utilizado, bem como parentes de algumas vítimas foram perseguidos ou mortos, outros estão desaparecidos até hoje. Ressalta-se que as lembranças de cada uma possuem algumas situações distintas, mas que o eixo principal gira em torno da prática autoritária durante a ditadura militar. Assim, os depoimentos das mulheres torturadas deixam permanências no presente, bem como o afetando. Há algumas mulheres que sentem angústia, medo e desconfiança, pois foi um período que acabou de certa forma, deixando cicatrizes para essas antigas guerrilheiras e participantes ativas de grupos revolucionários contra o regime da época.

Diante desse arcabouço teórico, destaca-se uma militante da esquerda armada que foi presa e torturada duas vezes na época e seu relato ajuda a compreender melhor a temática, em análise, bem como entra em contato com o tema abordado. Vejamos:

Rosalinda Santa Cruz: “Eu me sentia inteiramente amedrontada, eu me lembro daquele momento de solidão, de medo, de total desproteção diante daquele homem, daqueles homens e eles me levaram para uma sessão de tortura. E o que estava em jogo não era informação. Era minha estruturação, era minha rebeldia, o fato de ter me rebelado contra a autoridade e prepotência deles. Então, depois de eles terem me batido muito com o telefone, choque elétrico, pau de arara, choque na vagina, sempre despida, eu cheguei a um momento em que eu pedi: me matem ! Eu quero morrer, não estou aguentando. Lembro do olhar e do riso deles assim pra mim: Eu não te mato, não me interessa em te matar. Eu vou te fazer em pedacinhos e vou lhe torturar o quanto eu quiser e inclusive lhe mato se eu quiser. Então era esse nível de impotência diante do torturador, toda impunidade da capacidade que ele podia realmente fazer isso. Podia ficar dias e dias e meses comigo, fazendo todo tipo de experiência que pudessem fazer e a minha resistência não sabia o limite dela. Sabia que tinha um limite, e o limite era do meu corpo, da minha dor, da minha força e acho que isso é o estar, o caminho pra questão da loucura”. Afirma.

De acordo com o depoimento de Rosalinda Cruz, pode-se perceber o quanto eram cruéis e extremamente covardes as situações em que viveu durante a época da ditadura. Nesse cenário, insere-se a tortura como é demonstrada, a partir de sua fala e os métodos que eram utilizados e como isso de certo modo desencadeou um processo traumático nessa vítima, onde precisou realizar tratamentos psicológicos. Ressalta-se, todavia que a memória do trauma ainda permanece de certa maneira e como ainda o silêncio persiste de alguma forma.

Daniel Aarão Reis, em seu artigo, Ditadura, Anistia e Reconciliação propõe reflexões pertinentes sobre o tema podendo dialogar com o presente assunto, em questão. Segundo o autor: “A tortura, vale ainda aduzir, é crime contra a humanidade, imprescritível e o Estado brasileiro subscreveu um tratado internacional estatuidando a



respeito do assunto não podendo, assim, fugir às responsabilidades assumidas”. (REIS, 2010, p.180). Ainda nesse aspecto, pode-se inferir que ainda há um silêncio, no que diz respeito à tortura durante o autoritarismo militar, girando em torno da Lei da Anistia. Nesse contexto, Daniel Reis aborda que:

E, assim, os torturadores foram deixados em paz. E a tortura, empurrada para baixo de grosso tapete. Tratava-se, ao menos temporariamente, de esquecer o passado. Curto-circuito da memória? A confirmar o conhecido bordão de que o povo brasileiro não a tem? Nada disso. Apenas a proposta de se desvencilhar de um passado que se queria recusar, mas a propósito do qual não havia ainda uma análise bem concatenada ou uma narrativa clara e consensual, social e politicamente aceitável. (REIS, 2010, p.173).

O relato sobre o que passou com os torturadores e os seus mínimos detalhes entram em diálogo com as questões até então propostas, uma vez que há uma relação entre a memória do que ela vivenciou durante o regime militar, bem como uma concatenação com a tortura sofrida, podendo relacionar as abordagens de memória e trauma. Ainda há uma esperança não só de Rosalinda, mas também das outras mulheres torturadas e que esses silêncios sobre os torturadores sejam investigados, não deixando essa ausência perdurar durante todos esses anos. Foi um processo traumático e que afetou não só fisicamente, mas emocionalmente e psicologicamente, de acordo com os depoimentos.

Vale destacar que a memória cria uma presença de certa maneira e tal presença se apresenta no tempo presente, no caso, as declarações de cada uma são perceptíveis que essa memória é recordada a partir desse tempo, lembrando-se daquele passado repressor. Percebe-se também uma interação no tocante aspecto da memória e história oral, onde se tem a narrativa vivenciada por Rosalinda, bem como suas lembranças do período. Diante desse ângulo, em seu texto, História, Tempo Presente e História Oral, Marieta de Moraes Ferreira apresenta suas ideias podendo conectar as presentes questões. Em suas palavras:

A história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente. (FERREIRA, 2002, p.321).

A partir do fragmento de Marieta Ferreira tem-se uma relação com o raciocínio de Myrian Santos e Daniel Reis, no que tange a relação da memória, onde que de certa



maneira, o documentário é trabalhado com o intuito de demonstrar os relatos vivenciados por mulheres durante o regime de 1964 e são claros os depoimentos sobre o que foram vivenciados ao longo daquele tempo. Com isso, fica evidente que as reflexões dos autores tematizados possuem o intuito de reforçar os assuntos e auxiliarem o tema, a partir da análise do filme *Que Bom Te Ver Viva*, com ênfase, notadamente no caso de Rosalinda Santa Cruz.

Assim, torna-se pertinente demonstrar questões voltadas para a identidade, memória, silêncio, lembranças e traumas durante os anos que compreende a ditadura militar. É necessário entender as trajetórias de vidas dessas mulheres ao longo do documentário, pois mesmo que foram pessoas que possuíam posições ideológicas contrárias ao regime político vigente na época, não é digno cometer crimes de torturas, principalmente físicas. A relação de memória e história oral, demonstrando as experiências traumáticas e os dramas de algumas mulheres durante a ditadura causa uma reflexão crítica sobre tais fatos ocorridos, para que certos passados, mesmo que assombram determinados presentes, não ocorram na proporção igual ao da época militar de 1964.

A memória, por sua vez analisada e tematizada particularmente possuem outras atribuições, conceitos e maiores dimensões sobre os aspectos que giram em torno do referido objeto de estudo, no caso, o documentário. Percebe-se, também que os eventos ocorridos no referido filme possuem constituições históricas distintas, mais precisamente, os depoimentos privados e a forma que esse passado possui um impacto em suas vidas. Além disso, vale frisar que a capacidade do indivíduo em se relacionar e relatar um determinado passado, seja bom ou ruim, exige um esforço da memória, em questão. Vê-se de certa maneira e como elementos importantes, o afeto e as sensibilidades aplicadas na memória, de certo modo. No caso, mais precisamente referem-se às sensibilidades de cada participante ativa na ditadura militar e os presentes relatos que vivenciaram.

Ganha configuração real, os eventos que cada militante passou durante o período, no caso considerado como uma fase de terror, segundo as mulheres que eram contra a forma de governo da época. Diante desse cenário, é perceptível que mesmo se tratando de formas particulares de trabalhar a memória, vale enfatizar que não é um elemento simples de trabalhar unicamente, uma vez que há Histórias presentes em cada depoimento, em si. Com isso, mesmo se tratando de memórias da ditadura militar passando por medo, torturas e traumas, as Histórias permanecem de alguma forma, caso



contrário não teriam relatos ou estudos profundos sobre essa época que o Brasil vivenciou.

Continuidades e permanências constituem de certa medida, possíveis estudos nas áreas compreendidas do regime militar, com ênfase, onde não se descarta os eventos mais importantes e considerados chocantes do período, em si. Vale a pena demonstrar que a um silêncio de alguma maneira, onde muitos casos e acontecimentos ficam de lado, deixando o silêncio presente, logo as memórias também, pois um não anula o outro neste caso. As memórias criam presenças, mas se forem silenciadas não há como realizar possíveis interpretações.

O passado não pode ser mudado de certa maneira, mas sim reinterpretá-lo ou ressignificá-lo torna-se possível, pois determinados fatos ou acontecimentos que possuem níveis de averiguações menores ou estudos menos profundos é digno contextualizar, compreender melhor os acontecimentos que ocorreram no presente evento analisado. Assim ao realizar uma análise mais concatenada e com um grau analítico e crítico maior tem-se a memória inserida no presente contexto, conciliando a memória e a História, que talvez fosse perdida, mas pode ser recuperada e reinterpretada ou ressignificada, afinal nem tudo está perdido, pois há capacidades de interpretações e uma construção de uma nova historiografia daquilo que está sendo analisado.

Nesse eixo há várias dimensões sobre as diferentes formas de compreender memórias e suas diferentes interpretações. Assim é importante demonstrar que as memórias possuem aspectos que podem ser analisados não como uma via de resoluções de conflitos e guerras de memórias e sim compreensões e averiguações, a partir do presente para que possíveis futuros não ocorram da forma que ocorreu no passado a ser analisado. Além disso, um balanço entre passado e presente qualifica ainda mais a não cometer e até mesmo na tentativa que não aconteça um determinado evento em tal período que causam traumas nas pessoas ou tristes recordações, provocando medo, como é perceptível no filme *Que Bom Te Ver Viva*.

Dentro desse contexto, Paul Connerton apresenta uma reflexão, em seu texto, A memória social dialogando com as questões até então feitas, observa-se que:

Podemos dizer assim, de forma mais geral, que todos nos conhecemos uns aos outros pedindo explicações, fazendo relatos, acreditando, ou não, nas histórias sobre os passados e identidades uns dos outros. Ao identificarmos e compreendermos com êxito o que outra pessoa está a fazer, enquadramos um acontecimento particular, um episódio, ou comportamento, no contexto de várias histórias narrativas. Identificamos, deste modo, uma determinada acção recordando, pelo



menos, dois tipos de contexto para essa acção. Situamos o comportamento dos agentes por referência ao seu lugar nas suas histórias de vida e situamos também esse comportamento pela referência ao seu lugar na história dos contextos sociais a que pertencem. A narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos a partir dos quais os indivíduos adquirem a sua identidade. (CONNERTON, 1999, p.24).

De acordo com a linha de raciocínio do autor fica evidente perceber que a memória está vinculada com casos particulares da vida de cada um não podendo ser dissociadas. É patente perceber que as mulheres entrevistadas apresentam formas de vidas e dos acontecimentos inseridos distintos, mas o contexto histórico é o mesmo, ou seja, um passado de muitas censuras, repressões e perseguições e que causam dores e sofrimentos. Não só no momento do presente daquele passado, mas também no presente atual, mais precisamente no século XXI, onde os perdões e os traumas não foram superados totalmente e sim parcialmente, para outras ainda permanecem como uma sombra na contemporaneidade.

Diante desse ângulo e realizando uma conexão com as ideias de Halbwachs, ainda sobre esses aspectos percebe-se que:

A memória coletiva, ao contrário, é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que lhe é, frequentemente, bem inferior. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, sem dúvida, se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas. A memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo, e o que mudou, foram as relações ou contatos do grupo com os outros. Uma vez que o grupo é sempre o mesmo, é preciso que as mudanças sejam aparentes: as mudanças, isto é, os acontecimentos que se produziram dentro do grupo, se resolvem elas mesmas em similitudes, já que parecem ter como papel desenvolver sob diversos aspectos um conteúdo idêntico, quer dizer, os diversos traços fundamentais do próprio grupo. (HALBWACHS, 2006, p.88).

O acontecimento referido no caso trata-se da ditadura militar, onde um grupo de mulheres foram torturadas e que relatam as lastimáveis experiências vividas e sua relação com o passado, causando um pesadelo. O peso no tempo presente é grande, uma vez que devida as ondas de repressões que o País passou foi muito grande e que a consciência de cada mulher que teve uma experiência traumática entre os anos 60 e 70 pesa ainda na



atualidade, talvez não como antes quando terminou a fase militar, mas ainda as recordações insistem ou persistem em permanecer nos dias de hoje.

A temática de Halbwachs sobre a memória é compatível com a vivência das experiências de tempo das mulheres entrevistadas, logo torturadas. De acordo com sua abordagem, onde o autor delinea que as memórias se formam e são renovadas e se tem uma capacidade de rememoração é perceptível que tal ideia se aplica no grupo social das mulheres que sofreram e sofrem com as lembranças do passado. Sendo assim, o que se aplica é a questão de que esse acontecimento, no caso a ditadura militar e seus métodos e técnicas de tortura eram aplicadas em pessoas que não respeitavam a atual conjuntura que o Brasil vivia.

Assim, pode-se inferir nesse grupo dessas mulheres que relatam seus passados e que de certa maneira possuem traços fundamentais com o próprio grupo, em si, o que não se descarta a ideia de todas as formas de sofrimentos que passaram podendo ser aplicado ao raciocínio de Halbwachs nesse grupo social e que possuem traços fundamentais, entre si e a todo o momento são formadas determinadas heranças daquele momento difícil vivenciado, em questão.

A capacidade de lembrar se configura como um ato de rememoração e também de reviver novamente aqueles tempos árduos e difíceis que passaram nas mãos dos torturadores, mas não se descarta o momento atual em que vivem. Hoje, apesar de ser um passado que assombra, a vida continua. No caso, foi delicado, pois uma delas teve seu irmão desaparecido e o silêncio persiste de alguma forma, porém seguem com uma vida normal, como se percebe no filme, mesmo que foi produzido na década de 80, percebe-se que são tranquilas em relação ao tempo de cada uma, mais precisamente, continuam seguindo em frente apesar dos percalços vivenciados no tempo militar.

No tocante a este aspecto, Mateus Pereira aborda ideias pertinentes que entram em contato, não só com as questões de memória, mas também com o cenário que o País se encontrava durante a administração dos militares. Em seu texto, *A História do Tempo Presente: do futurismo ao presentismo?* o historiador demonstra que: “O estudo da memória pode nos ajudar a pensar formas de ação a partir de nossa relação com o passado”. (PEREIRA, 2011, p.59). Ainda reforça: “Vemos que, em geral, no Brasil, a história do tempo presente é, em grande medida, a história da Ditadura Militar, bem como de seus efeitos e permanências no presente”. (PEREIRA, 2011, p.62). Além disso e é importante ressaltar: “É claro que a história da Ditadura Militar ainda afeta o presente,



mas é uma história que também é do passado. O que não significa que esse passado não seja atual”. (PEREIRA, 2011, p.62).

As ideias do autor colaboram para a análise do presente contexto, até então demonstrado, onde que a uma tensão entre a memória e as lembranças, ou seja, a capacidade de cada mulher que realiza sua fala diante dos momentos vivenciados, acaba de certa medida, lembrando-se do regime de 1964 e a memória entra nessas questões, pois é algo que somente elas, de acordo com o documentário possuem em suas consciências e recordam. Mesmo com o passar dos anos, essa memória como está em jogo na discussão ainda cria uma presença, seja de medo, silêncios e traumas ao longo do cotidiano, algo que só quem vivenciou sabe se impacta ou não o tempo presente ou se o passado já foi superado, o que é difícil de esquecer, uma vez que foi muito sofrido essa época.

Dentro dessa ótica, torna-se evidente perceber que todo esse estudo feito sobre as questões do documentário e intercalando com a História oral, memória, perdão, trauma, medo e silêncio são importantes, pois foi um momento conturbado, de início em que o País vivenciou. A ditadura militar quando foi implementada tiveram muitas reações contrárias ao presente regime político, pois os que não eram a favor desejavam a volta da democracia o mais rápido possível e se libertarem daquele cenário agitado que causaram tantas censuras e repressões.

As forças contrárias que tiveram maiores relevâncias se deram por simpatizantes da esquerda em sua maioria e também grupos, que não acatavam esse tipo de governo que causavam tantas proibições em várias estâncias. Tais grupos se referem às guerrilhas, as lutas camponesas e principalmente os urbanos, onde se destacavam os universitários que possuíam como orientação política, o socialismo. Esses grupos acreditavam que por meio do socialismo, o Brasil poderia chegar ao comunismo, onde que poderia haver maior justiça e fraternidade social, bem como acreditavam no aparelho estatal, fornecendo todos os subsídios necessários que a população brasileira precisasse. No caso, foi o que não ocorreu, pois logo que João Goulart propõe as reformas de base, os militares tomam o poder, acreditando que o País poderia estar caminhando rumo ao comunismo, conhecido pelos contrários a esse pensamento político como o perigo vermelho.

Nesse contexto, destacaram muitos grupos opositores à ocupação dos militares no governo, causando grandes comoções populares e o Brasil passando por várias ondas de protestos, greves e mobilizações contra a ditadura militar. Assim, destacam-se essas mulheres que almejavam a volta da democracia e não eram adeptas a esse tipo de governo, bem como uma análise atenta do filme, pode-se perceber que a crueldade era enorme,



configurando como práticas desumanas por parte dos militares e torturadores em terem cometido esses tipos de comportamentos com elas, em questão.

O que fica em pauta de análise para além do que essas mulheres passaram durante a ditadura militar, é o fato de elas terem tido os seus direitos humanos violados e serem alvo de perseguições por conta de suas posições políticas. Lastimável perceber que esse tipo de crime foi cometido por conta da maneira que as pessoas pensavam, sendo por meio de torturas ou outros castigos físicos e que provocaram abalos emocionais, mentais e psicológicos nessas vítimas diante do presente governo, no caso, a presença dos militares no poder. A democracia, por meio do pensamento não só dessas militantes de esquerda que foram maltratadas e constrangidas foi derrubada de acordo com a concepção de quem era contra a ditadura militar. Além disso, os AI'S que foram decretos para a época se configuraram como práticas verdadeiramente autoritárias.

Diante disso, a conjuntura se caracterizou a partir dessa maneira, onde muitos tiveram seus direitos cassados, causando violações dos direitos e ferindo as dignidades humanas. Nesse ínterim, Mateus Pereira propõe em seu texto, *Nova Direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014)* uma reflexão podendo associar com o presente contexto, assim tem-se:

A estrutura temporal da negação e, em alguma medida, do revisionismo, está assentada numa concepção fatalista, determinista e homogênea do tempo histórico. Uma determinada concepção de tempo homogênea tende a afirmar que o Golpe de 1964 só existiu porque não havia outra alternativa; ele foi inevitável. Se não fosse o Golpe, teria havido um golpe e uma ditadura comunista. Os militares salvaram o Brasil dos terroristas e comunistas, pois agiram antes. O golpe foi, na verdade, uma “contrarrevolução”. (PEREIRA, 2015, p.870).

A partir do fragmento e sua temática, insere-se que a ditadura militar foi uma resposta ao que os militares estavam temendo, uma possível ocupação dos comunistas e talvez o País não prosperasse em sua administração. Fica evidente também perceber que mesmo com a ocupação dos militares, a administração alterou não só na esfera social, por meio da censura e cassações dos direitos de quem era contra ao governo militar. Tiveram alterações nos setores da economia, política e até da cultura, onde muitos artistas que eram contrários tiveram que deixar o País e voltar quando a Lei da Anistia foi sancionada.

Por meio da Memória e da História foi possível realizar uma análise do filme documentário *Que Bom Te Ver Viva* relacionando com os principais aspectos que norteiam os relatos das participantes ativas no governo militar. É patente demonstrar as



relações que envolvem a temática, podendo dialogar com as bibliografias que colaboraram para um maior entendimento do tema. Com isso, buscou-se entender melhor as questões da memória, a partir da análise do passado conturbado das vítimas que relataram os casos vivenciados, de forma geral.

Além disso, tornou-se possível aplicar os principais conceitos de cada teórico (a), bem como as associações de suas ideias, em si sobre o tema, no caso, abrangendo História, memória social e cultural e o balanço entre o passado e o presente, para uma melhor compreensão da temática analisada. O mesmo enfoque se deu por meio de uma análise do relato de Rosalinda Cruz, onde foram demonstradas as situações desesperadoras que passou com os torturadores e compreender o que foi a ditadura militar, a partir desse ângulo. Sendo assim, a função não é somente uma leitura simples sobre o período, e sim apontar e demonstrar os fatos com mais detalhes e evidências, a fim de ter uma compreensão melhor sobre o que realmente foi a ditadura militar de 1964 e não cometendo interpretações de uma única História desse período que o Brasil passou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONNERTON, Paul. *A memória social*. In: __. Como as sociedades recordam. Trad. Maria Manuela Rocha. 2ª ed. Lisboa/Oeiras: Celta Editora, 1999, pp. 7-46.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. Topoi, Rio de Janeiro, Dezembro, 2002.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, pp. 29-112.

PEREIRA, Mateus H. F. *A História do Tempo Presente: do futurismo ao presentismo?*. Humanidades (Brasília), v. 58, p. 56-65, 2011.

PEREIRA, Mateus H. F. *Nova Direita? Guerras de memória em tempos de Comissão de Verdade (2012-2014)*. Varia História (UFMG. Impresso), v. 31, p.863-902, 2015.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura, anistia e reconciliação*. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 23, nº 45, p. 171-186, janeiro-junho de 2010.

SANTOS, Myrian S. dos. *O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado*. Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 19, n. 19, june 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/370>.

Filme: Que Bom Te Ver Viva, 1989 – Drama/Documentário. Lúcia Murat.